

XIV Congresso Brasileiro de Sociologia
28 a 31 de julho de 2009 - Rio de Janeiro – RJ

GT: SEXUALIDADES, CORPORALIDADES E TRANSGRESSÕES

O michê no palco sem holofotes

Maria Lourdes dos Santos

Universidade Federal do Ceará

O *michê* no palco sem holofotes¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo desmistificar a imagem comumente divulgada de que o *michê* ou garoto de programa é quase sempre jovem portador de um padrão de beleza e virilidade inigualáveis. Observa-se outra realidade, onde jovens com aparência típica de pobreza, desprovidos de beleza física, roupas de grifes, anúncios em jornais ou internet; estilo de vida humilde e envolvidos na prostituição. Batalham em praças, ruas populares e “territórios marginais”; o contato é direto para prestação de serviços sexuais, o valor cobrado é baixo colocando em evidência a miséria em que vivem. Para maioria a realidade é perversa, carregada de perigos, preconceitos. A metodologia consistirá na observação em locais públicos, realização de entrevistas e bibliografia que dê suporte teórico aos conceitos que se pretende abordar.

Palavras-chave: prostituição viril, *michê*, comércio, homossexualidade.

Introdução

Fim de tarde, os corpos suados e cansados dos trabalhadores de uma empresa, do vizinho município de Maracanaú (Região Metropolitana de Fortaleza), aguardam o soar da sirene, indicando que a jornada de trabalho terminou. Muitos deles pegam seus pertences e correndo fazem o retorno do trabalho para a casa. Um, em meio àquela legião, não expressa a mesma euforia. Dirige-se até um armário e pega sua mochila, a qual já tinha vindo pronta para a terceira jornada. Ele procura recompor-se por meio do banho, livrando-se das impurezas do corpo, deixadas pelo trabalho. No frescor da água, que o envolve, tenta espantar o cansaço e ganhar a energia necessária para a tarefa que o aguarda: a prostituição. Ele sai. Vai ao encontro de seu único cliente: um empresário, de 60 anos, bissexual, casado, residente em Fortaleza. “O local do encontro não é fixo para não deixar rastro”, informa.

¹ A prostituição masculina (prostituição viril) constitui-se como temática central na minha pesquisa de doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Fred² (nome fictício) é trabalhador de uma indústria têxtil, casado, tem uma filha de quatro anos e diz que sua companheira é ciente desse seu “outro trabalho”. Com 26 anos, 1m82, moreno jambo, olhos verdes, esbelto, 80 kg, aparentemente tranquilo, voz suave, é mais um profissional do sexo da metrópole alencarina. Diferencia-se dos outros garotos (sujeitos desta pesquisa) pela maneira como se apresenta e vivencia essa “outra profissão”.

Indagado sobre o tempo na atividade e as razões que o levam a prostituir-se, Fred é rápido e enfático em informar que:

“... tem quase três anos e espero muito em breve largar disso, pois sou homem, tenho minha mulher e somos bem casados, sou pobre mais tenho dignidade e o que quero agora é fazer uma pontinha para garantir a educação da minha filha, porque não quero que ela seja uma operária, tenha um salário de miséria, tenha de agüentar abuso de chefe, fazer biscate e tudo mais, assim como eu. Se eu tivesse estudado, talvez tivesse outro emprego, salário melhor e não fosse preciso me submeter a esse tipo de vida. Às vezes, penso que é castigo, pois eu não quis estudar, apesar do esforço da minha mãe. Eu queria trabalhar ganhar meu próprio dinheiro para ajudar minha família. Mas, aí, a minha namorada saiu grávida. Casamos, a criança nasceu e tenho que manter as duas. Não quero ajuda da família dela, então trabalho dobrado. Tenho fé em Deus que logo saio dessa”, comenta, em tom de revolta.

A história de Fred deixa claro que apesar de se saber que a prostituição possui uma história secular e vasta, pontuada pela evolução e pelos limites do conhecimento humano, muito ainda se tem a conhecer. Estando essa atividade sendo constantemente redescoberta, não se pode perder de vista o caráter de provisoriedade de cada conhecimento produzido a seu respeito, uma vez que, jamais foi totalmente revelada. Sendo assim, o aparecimento de uma nova modalidade (ou de novo estilo de prostituição), conforme vem se manifestando nas últimas décadas, em várias cidades brasileiras, e em Fortaleza (no Ceará),

² Fred é o pseudônimo adotado para preservar a privacidade do informante. Trata-se de informações que foram levantadas em entrevista realizada em 04 de setembro de 2008, na Praça do Carmo, centro de Fortaleza, Ceará, como parte da minha pesquisa de doutorado.

faz-se necessário conhecer suas motivações, seus significados sociais e culturais, já que a atividade tem se mostrado desencadeadora de dúvidas inusitadas, exigindo esclarecimento a seu respeito.

Com base nessas informações, imagina-se que, da propagação moral castradora ao estigma contemporâneo, passando por invenções de regimes, alterações de costumes, quebra de normas e imposição de técnicas disciplinares, dentre outras, o conhecimento sobre prostituição permanece, por excelência, como uma questão histórica, na qual se encontram relacionadas as necessidades, os sonhos, receios, anseios de cada época, cultura, grupo social e indivíduo.

A partir dessas constatações, este artigo busca evidenciar a importância de se voltar para a população de prostitutas. Não só pela escassez de estudos sobre esse segmento, mas, sobretudo, para que se contemplem suas especificidades, muitas vezes não percebidas e não identificadas dentro da categoria mais ampla de jovens que se prostituem a qual, por si só, não abarca as particularidades do modo de vida desse sujeito: o michê.

Dentro desse quadro acredita-se que a presente pesquisa apresenta relevância inquestionável, visto que existem poucos trabalhos abordando a prostituição viril, com michês e sua clientela masculina.

Ontem e hoje: o que mudou em termos de prostituição

O tema tratado remonta a tempos antigos. Tendo assumido as mais variadas simbologias e definições, a prostituição já alcançou a condição de sagrada. Nas sociedades pré-históricas, não havia distinção entre cultura, religião e sexualidade. Além disso, tudo tinha origem no culto à deusa. O sexo era considerado sagrado e inúmeros rituais revelavam ser a atividade sexual uma forma de prestar reverência à deusa e às suas sacerdotisas (ROBERTS, 1998).

Na antiga civilização grega, a prostituição fazia parte da paisagem cotidiana, era um meio de adquirir uma renda igual a qualquer outro e uma prática controlada pelo estado. As prostitutas pagavam altos impostos e vestiam-se de modo a serem identificadas como tal. Entre as categorias, havia as

hetairae, de grande relevância social, conhecidas pela inteligência, esperteza na administração dos bens e competência nas articulações políticas. Livres, freqüentavam o universo masculino e participavam das atividades reservadas aos homens. Não sofriam represálias, trabalhavam nos bordéis do Estado. As *hetairae* eram formadas em escolas nas quais as aspirantes aprendiam a arte do amor, da literatura, filosofia e da retórica. Portanto, eram consideradas “as mulheres mais instruídas de toda Grécia” (ROBERTS, 1998).

A prostituição era uma profissão rentável, levando algumas mães a incentivarem suas filhas a ingressarem na mesma. Aspásia, por exemplo, tornou-se uma prostituta famosa e admirada pelas qualidades intelectuais, motivando Sócrates a levar seus discípulos para ouvi-la (diferente do que acontecia às jovens destinadas ao casamento e com dedicação exclusiva às atividades domésticas). Curiosa expressão da legendária democracia grega: só as prostitutas tinham acesso ao conhecimento (ROBERTS, 1988).

Com a Reforma Religiosa no século XVI, o puritanismo começou a controlar os costumes e ditar a moral. A Igreja Católica, por meio de seu potencial teológico, passou a lidar com o “problema” de prostituição. Em consequência da ação conjunta das igrejas católica e protestante, a prostituição entrou na clandestinidade sem, contudo, ser eliminada: cortesãs continuariam a existir nas cortes européias e em suas colônias.

Com a Revolução Industrial, surge um novo elemento significativo à prostituição, qual seja: as mulheres tiveram de enfrentar condições desiguais no trabalho em relações aos homens. Prostituir-se em troca de favores e de melhores condições de vida revelou-se uma opção.

A literatura existente acerca da prostituição evidencia a prática como um “mal necessário” sempre existente, “a profissão mais antiga do mundo”, a qual deveria ser tolerada para a manutenção da ordem na sociedade. Contudo, a sexualidade insubmissa foi estereotipada e rotulada, servindo para manter a prostituta afastada do convívio social. Sua existência era aceita como uma condição para a salva guarda do casamento, desde que não atrapalhasse ou provocasse qualquer constrangimento ou agressão à decência pública.

Sem tanta diferença, essas diversidades perduram nos dias atuais, em várias sociedades. E, embora se constate um amplo repertório de definições e de modos de atuação, ainda assim, não se pode impedir a cristalização de outra versão da prostituição. No entanto, parece permanecer o questionamento: é ou não a economia que estabelece regras e define as práticas da prostituição?

Evidentemente, as desigualdades econômicas e sociais fomentam a exploração e o comércio do sexo. Mas, é preciso deixar claro que a prostituição apresenta diferentes nuances entre as classes sociais. Por isso, suscita a revitalização de sua ligação com a miséria da população (VERSIANI DOS ANJOS JR., 1980; CASTRO, 1993; MORAES, 1996; WOLF, 1998; SZTERENFELD e FONSECA, 1996).

A prática da prostituição exige o negociar, o vender, de forma explícita, favores sexuais em troca de dinheiro, contrariando a máxima de ser o sexo uma dádiva a ser oferecida ao parceiro/amado (a), de preferência após o matrimônio (RAGO, 1996; GASPAR, 1988; KIRSCH, 1998; ROBERTS, 1998).

No entendimento de Abreu (1998) a prostituição é definida como sendo a “entrega carnal”, desde que reiterada e sem escolha de clientes por interesse de libidinagem, haja ou não algum interesse de lucro. Essa “entrega” pode ser tanto do homem quanto da mulher. As mulheres que se prostituem são chamadas de “mulheres da vida”, “mulheres de vida fácil”, “vagabundas”, “piranhas”, “vadias”, “perdidas”, “mariposas”, “meretrizes” e outras denominações preconceituosas. Em relação aos homens, é comum serem chamados de prostitutas, garotos de programa, michês, dentre outras.

No final do século XIX começaram a surgir os primeiros movimentos internacionais contra a exploração sexual de mulheres e adolescentes. Em 1921, a Liga das Nações designou um comitê para tratar o problema do tráfico de mulheres e crianças; em 1946, a ONU adotou uma convenção a fim de erradicar a prostituição.

Com a “liberação sexual” dos anos 1960 e o desaparecimento dos bordéis (apesar do crescimento da prostituição) verifica-se a existência de sinais de mudanças nas representações vigentes sobre “perversão” bem como nos comportamentos sexuais, levando a falta/imperfeição dos proibidos, “anormais”

ou “desviantes” a quase desaparecer. Mas, na década de oitenta, com o advento da AIDS, era preciso haver mudanças nos costumes. Não se podia mais, sobre qualquer imperativo, ignorar o comércio marginal do sexo. Nesse sentido, a preocupação maior das autoridades, sobretudo as de Saúde Pública, foi conscientizar as populações para a prática do “sexo seguro”.

O sexo como entretenimento vem se tornando um negócio bem mais profissionalizado e lucrativo, oferecido na forma de diversos produtos e serviços como filmes, internet, casas de “massagem”, casas de prostituição convencionais, boates, anúncios em jornais, viagens, hotéis, motéis etc, são alguns dos negócios legais envolvidos no mercado sexual.

Segundo o pesquisador Luiz Gonzaga G.Trigo (2007, p.10):

Com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação (redes interligadas, digitalização, computação gráfica), o aumento da liberdade em grande parte do mundo e as ações civis por direitos humanos em todos os campos, inclusive no sexual, a produção e distribuição de conteúdo erótico literalmente explodiu. A arte, em geral, e o entretenimento, em particular, tornaram-se capilarmente segmentados.

Em meio a tudo isso, imagina-se que a tradição judaico-cristã que cimenta a base religiosa da sociedade brasileira há séculos, mostra-se anacrônica frente a alguns fatos. Assim, a tão propagada vida conjugal humana “naturalmente heterossexual”, que serviu como justificativa para o encarceramento do desejo sexual e do prazer, pela instituição familiar e religiosa, parece encolher-se. É que a existência de novos arranjos conjugais ou novas conjugalidades nas últimas décadas indica o emergir de uma nova ordem, com a quebra de algumas “práticas contra a moral vigente”, como Legalização da Prostituição (essa profissão está descrita na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do MTE, sob o código 5198 “Profissionais do sexo” (www.mtecbo.gov.br); sexo on-line (Piscitelli, 2005); casamento gay (Miskolci, 2007), dentre outros, fatos esses concernentes à sexualidade humana. Sobre essa possibilidade CECCARELLI (2001, p.1) apresenta a seguinte explicação:

Se alguma conclusão pode ser tirada desta expressão da sexualidade, é que ela nos informa que o sexual, enigma por excelência do ser humano, apresenta-se em diferentes registros, contendo formas de prazer diversos e múltiplos. A resposta que cada sujeito tentará dar ao enigma que sua própria sexualidade lhe impõe é única como é único cada ser humano.

Quanto ao mundo da prostituição, em determinados aspectos parece continuar intocável, ou seja, percebido por muitos apenas pela ótica do erotismo e da promiscuidade. Os sujeitos principais dessa arena, as prostitutas, continuam historicamente associadas por alguns setores à transgressão, “resultando numa imagem destas como agentes de amores patológicos” (Santana, 1996, p.10), muito pouco ou nada diferenciando-se do que, na atualidade, vem acontecendo com os homens que se prostituem. Ou seja, no que diz respeito às atribuições, assim como as garotas, os garotos também alugam seus corpos a preços variáveis em função do uso que dele será feito. Entretanto, essas qualificações pouco informam sobre as motivações que os levam a engajarem-se nessa forma de sexualidade, suas vivências e percursos, sabores e dissabores, como se percebem enquanto profissionais e como visualizam o futuro.

Assim, a presente pesquisa vem tentando adentrar nesse universo e embora de maneira tímida, tem conseguido, por meio de informantes, que se conheça alguns aspectos do mundo particular dos garotos, que se diferenciam, em parte, do jugo do senso comum, do protótipo e de algumas informações fornecidas pela mídia, de um modo geral.

No passado os Jovens Prostitutos

A pederastia existia em Roma antes da influência Grega. Sabe-se que os romanos tinham o costume de investir em talentos jovens que apreciavam. Tem-se conhecimento de numerosos rapazes que se prostituíam com personagens célebres para escapar da pobreza e da indigência.

Sobre o Império, a aristocracia segue o exemplo dos imperadores e da Ásia. Parte dos prostitutos vinha do Oriente, Ásia e África para atender aos

apelos sexuais de homens com idade um pouco mais avançada e de boa condição financeira. Os romanos preferiam a beleza de egípcios, sírios e mouros.

Esses meninos não só satisfaziam os prazeres sexuais dos senhores, mas serviam também de ornamento nos banquetes, porque cantavam, dançavam ou contavam histórias obscenas. Lavavam os pés e as mãos dos convidados. Serviam a mesa. Eram coquetes. Tinham cabelos longos e frisados. A esperança desses jovens escravos era de um dia se libertar, mas, enquanto isso não acontecia, beneficiavam-se da proteção do seu senhor (CIRIBELLI, sd.).

Segundo Ceccarelli (2005, p. 01);

Na Grécia antiga, a prostituição masculina (...) já existia e não era vista como algo escandaloso. Os pórnói, "homens prostituídos", atendiam homens e mulheres e estavam sujeitos ao pagamento de taxas nos bordéis de Atenas. Hoje, no Brasil, guias turísticos de algumas cidades (...) incluem roteiros noturnos às áreas da cidade freqüentadas pelos prostitutos masculinos: os michês. As razões para a entrada na profissão são quase sempre de ordem econômica. As idades em geral variam de 18 a 30 anos. Há michês homossexuais, bissexuais e heterossexuais. Muitos são casados ou têm parceira fixa.

Na perspectiva de Foucault (1988), todos os discursos sobre o sexo e a sexualidade passaram a existir no momento em que precisavam controlar os corpos na ascensão da classe burguesa e em seu nome. Assim, pode-se dizer que o discurso vai modificando-se de acordo com as práticas sociais, alterando-se conforme o período ou a época da história, em consonância com as relações de poder aí vigentes.

Para Perlongher (1987, p. 253), a prostituição é uma "estrutura de prestação de serviços sexuais", ao defini-la sob o ponto de vista da troca. Tendo em vista o conceito usual de prostituição, como a concessão de favores sexuais visando recompensas materiais e, citando os casos mais típicos, poder-se-ia considerar a versão masculina, na atualidade, como uma forma recente de prostituição.

Na atualidade os Garotos de Programas

A (r)evolução da sexualidade, contemporaneamente, dá indícios de que os jovens estão, cada vez mais cedo, buscando prazer sexual. Muitos deles iniciam sua vida sexual no baixo meretrício, com as prostitutas, por vezes sem os esclarecimentos necessários para a prática do “sexo seguro”. Muitos freqüentam tais ambientes apenas em função do ato sexual. No entanto, tem-se informação de que uma parcela significativa desses sujeitos é composta por rapazes de origem humilde, que procura a cidade grande em busca de melhores condições de vida. Mas, lá chegando e dando continuidade a um processo de exclusão, esses jovens são levados a recorrer à prostituição como o único meio de sobrevivência.

Admite-se que existem profissionais do sexo que se dedicam à atividade por razões as mais diversas e inimagináveis. E, embora não seja possível elaborar um inventário suficiente e capaz de abarcar todas as possibilidades que levariam um jovem a prostituir-se, dois fatores aparecem com mais frequência: a condição de miséria que o empurra para profissões de risco (prostituição, crime organizado, tráfico de drogas etc.) e o desejo de uma vida diferente, promissora, com condição de sair do país, possuir uma conta bancária farta, usar grifes caras, frequentar ambientes luxuosos como bares, restaurantes, boates, casas de massagem etc-, ou seja, uma vida de “sonhos”, na qual as fantasias desenham um mundo irreal e distante, dependendo da condição de vida desse rapaz. Trata-se, pois, de expectativas distintas, com projeção instantânea, ou mesmo, “uma busca do lúdico e da afetividade perdida” (BENEVIDES; GONDIM, 1998: 147).

Além disso, há indícios da existência de fatores apontados como favoráveis ao ingresso e permanência na prostituição, que se repetem com certa regularidade: a excitação provocada pela possibilidade dessa nova situação, imprevisível e quase sempre desconhecida, embora apresentando o risco de revelar-se perigosa, pelo fato de “entregar-se” ao estranho; o prazer de ter o corpo admirado, olhado, desejado, fetichizado (o que poderia ser uma fonte de motivação quando, em outro aspecto da vida, o sujeito se sentir diminuído ou mesmo anulado); o prazer em dar prazer ao outro; a excitação de ser objeto de alguém uma vez que, “está sendo pago para tal”; o jogo erótico que se expressa

na negociação do preço em função de um serviço mais personalizado; a vontade de manter a orientação sexual no anonimato e a rapidez de conseguir uma transa com um corpo interessante, são questões relatadas.

Alguns estudos (Perlongher, 1987; Fry, 2000; Green, 2000; Vitiello, 2001; Rigolletto, 2001) sinalizam para a compreensão da prostituição masculina e, embora escassos, atentam para esse tipo de prostituição enfatizando a questão econômica, mostrando que a renda (ganho) depende de critérios como atributos físicos, aptidões, experiências e desempenho, tipo de freguês e do ponto de trabalho, com base em perfis definidos pela procura. O valor pago depende de fatores que satisfaçam ao cliente e existe uma variedade desses fatores. Há aqueles para quem o ato de pagar representa uma forma de afirmação de poder, virilidade (em particular quando o desempenho sexual deixa a desejar), uma maneira de compensar a insegurança ou frustrações afetivo-sexuais etc. Por certo, existem pessoas que sentem prazer nessa forma de viver a sexualidade sem maiores problemas.

Tem-se informação de que, alguns garotos aproveitam-se e exploram o cliente quando esse manifesta essa busca de afirmação. Neste sentido, segundo Fred (informante citado), “seu cliente quer exclusividade, pois, por não ser homossexual, apenas instiga nele o sentimento de poder, de afirmação”, ou seja, trata-se de um jogo. Nesse jogo, ambos acreditam saírem ganhando: o cliente, pelo prazer de relacionar-se com um garoto jovem, másculo e capaz de atender aos seus desejos sexuais; e o michê que, por sua vez, aposta na recompensa material, bem como na possibilidade de adquirir novos relacionamentos ou parceiros e do acesso a outros universos.

Imagina-se ainda que igualmente significativos sejam os casos em que a prostituição é utilizada como desculpa: “isso é apenas um trabalho”, quando, na verdade é o desejo de viver uma forma de relação - homossexual - que, de outra forma, seria intolerável ou mesmo difícil; “é uma fase e logo vai passar” etc., são algumas das maneiras relatadas por alguns dos profissionais do sexo, em estudo.

Tem-se conhecimento da precária condição de sobrevivência de muitos garotos que atuam na prostituição e imagina-se que esse não é um motivo exclusivo: uma parcela de garotos que se prostitui é universitária, pertence à

classe média, fala mais de um idioma e tem como única atividade remunerada a prostituição, uma vez que essa dá lucro para além do que ganharia em outra “profissão”.

Para Luiz Gonzaga G. Trigo (2007, p.03), “Consumo e desejo; consumo do desejo, desejo do consumo. O fetiche da juventude é uma mercadoria preciosa, desejada e temida”. Portanto, o crescimento do mercado sexual explicitamente entendido como “negócio”, destinado a dar lucros e a ser organizado como outra atividade lucrativa qualquer, vem abarcando segmentos heterossexual, bissexual e homossexual. Dessa maneira, o sexo torna-se, cada vez mais, um produto comercializável.

Ainda na compreensão desse mesmo pesquisador (2007 p. 01-02):

O sexo, como entretenimento, tornou-se um negócio cada vez mais profissionalizado e lucrativo, oferecido na forma de diversos produtos e serviços: filmes, fotos, sites na internet, casas de “massagem”, saunas, bares, boates, casas de prostituição convencionais, anúncios em jornais, viagens, sex-shops, hotéis e motéis são alguns dos negócios legais envolvidos no mercado sexual. Há ainda o campo da ilegalidade onde proliferam a cafetinagem, (...) e outros negócios ilícitos que, em um mundo onde o crime também é globalizado, perpassam os negócios do sexo, mercado financeiro, corrupção ativa e passiva.

Alguns estudos sobre essa temática (Matos e Ribeiro, 1995; Machado e Silva, 2002; Lima, 2006;) revelam a existência de prostituição masculina em capitais, como por exemplo, Rio de Janeiro, Belém, João Pessoa, Fortaleza etc. Mas, essa prática deve estar presente nas demais capitais do país, além das cidades mais desenvolvidas, evidenciando o crescimento do mercado sexual, bem como da legião de profissionais que se encontra no exercício dessa atividade.

O michê: origem, perfil e clientela.

O “michê” – ou o homem que se prostitui – traz o título da França, mais provavelmente de Paris, seu possível “berço”. Enquanto prática profissional, não

teria mais de meio século e deve ser entendida sem necessariamente ser um trabalho de homossexuais.

Alguns exemplos da prostituição masculina podem ser observados em Cuba, no Panamá, onde homossexuais abordavam homens nas ruas; na Dinamarca, local em que a prostituição masculina é defendida; no Oriente, onde esse tipo de prostituição é realizado até por menores.

Perlongher (1987, p.17) esquadriha a trajetória da prostituição masculina, informando que o michê é "uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente", ou seja, com atributos associados à virilidade e o culto ao corpo. A valorização desses existe como veículo de status e de poder e também revela símbolos e significados de pertencimento, de estilos e de afirmação.

O termo michê é compreendido, por estudiosos, como jovens do sexo masculino, adolescentes ou adultos, que comercializam através da imagem, os atributos de uma identidade reconhecida socialmente como masculina, a qual se torna visível no próprio corpo delineado, viril e, por vezes, musculoso, ao transitarem nas ruas ou tendo essas como corredores de passagem ou passarelas para desfilarem suas intenções e anseios. Independente das vontades ou dos sonhos que esses jovens possam acalentar, o que se negocia nessa relação é o desejo e a virilidade.

Os michês "vendem" a imagem de machos viris. Para eles se permitirem "passivos" significa não só perdas simbólicas, mas redução da demanda de clientes (muitos não aceitam "michê que faz tudo") e a rejeição do grupo de pares. Essa atitude talvez não seja tão rígida quando, na privacidade, alguns clientes manifestem o desejo de penetrar o michê. Alguns michês ao receberem esse tipo de proposta recusam-na, alegando ter por preferência "ser macho" e, por esta razão, não admitirem ser penetrados.

Em relação a isso, Fábregas-Martinez e Perlongher (2002; 1987) compreendem que, quanto às formas de classificação usadas para designar práticas sexuais entre homens que se prostituem com homens, não há uma noção

de identidade homossexual estabelecida, mas sim definições segundo a conjuntura em que se encontram, pois na condição de ativo, ele é um “macho”.

Por ser considerado “prostituto viril”, o michê exerce a atividade na qualidade de penetrante, tanto de homossexuais masculinos, quanto de mulheres. Apresentam-se como másculos, anunciam-se em jornais, revistas, internet e no “boca-a-boca”, divulgando e selecionando a clientela desejada. Outros se dizem “acompanhantes” ou “massagistas”, são mais desejados e mais caros. Os de maior sofisticação cobram valores mais altos; atuam em bares, clubes “*privês*”, bordéis de rapazes, saunas e outros. São jovens de nível cultural mais elevado, às vezes, estudantes de nível superior. Alguns atuam em lugares mais discretos, em melhores condições e, por isso, são mais exigentes.

Entretanto, existem as exceções: muitos garotos não apresentam o perfil delineado pela mídia. São pobres, com baixo nível de escolaridade, não apresentam o protótipo corporal dos deuses do Olimpo, não vestem grifes de luxo, não freqüentam ambientes sofisticados e atuam em diferentes locais da cidade, tais como: ruas, banheiros públicos, cinemas etc. Muitos deles, em determinadas ocasiões, chegam a fazer programas por um valor irrisório, ou seja, apenas para saciar as necessidades mais urgentes. Sem anúncio em revistas, jornais e até mesmo sem fazer uso de celular, eles posicionam-se em locais onde podem ser contactados para algum programa em motéis de periferia ou mesmo em locais nada adequados para tais práticas, denominados “territórios marginais” (Perlongher, 1995). Trata-se de garotos marginalizados pela sociedade e, às vezes, pela família que não aceita o estilo de vida em que se encontram. Mesmo assim, continuam sendo objetos de desejo.

Mas, parece que se está tocando apenas numa pequena parte do *iceberg*.

Na contemporaneidade, compreende Parker (1991, p. 88) “o homem é capaz de preservar sua identidade masculina, devido ao seu desempenho do papel ativo [...] assim como o veado sacrifica sua identidade masculina adotando o papel sexual passivo”. Nessa perspectiva, Cáceres (1999) diz que a relação sexual entre dois homens é entendida como impossível sem que um deles cruze os limites do simbólico que possibilita esse contato, e, assim, não perca sua condição de varão.

Estas afirmativas reforçam a noção do poder de hierarquização do “ativo” sobre o “passivo”. Entretanto, esses parâmetros não parecem seguros para analisar a conduta homoerótica. Contudo, talvez seja mais coerente admitir que ambos os parceiros homoeróticos rompam a barreira que separa o heterossexual do homossexual. Então, deixa de ser relevante querer saber quem, nessa interação, se coloca na condição de “passivo” ou “ativo”.

Como não podem apresentar livremente à sociedade as relações amorosas que vivem (sem o risco de serem estigmatizados, insultados, agredidos, ou mesmo ostracizados) muitos desses sujeitos encontram-se no anonimato, até para garantir sigilo à sua clientela.

Assumir, publicamente, a “outra profissão”, poderá trazer conseqüências ao garoto, ao parceiro e seus familiares e amigos. Portanto, enquanto muitos desfilam seus dotes, exibem sua *performance*, fazem uso da rua como apoteose do exercício prostitucional, para Fred (entrevistado) continuar “*no palco sem holofotes*” (grifos meus) é ter renda garantida, pois, segundo ele, não são as luzes da passarela, a etiqueta de suas vestes e nem o jeito simples de ser, os motivos para retirá-lo de cena, “só vou sair quando atingir o meu objetivo”, afirma.

Sem dúvida, o medo, a vergonha, o estigma que isola e cria desigualdades silenciadas, relegam o desejo socialmente proscrito ao segredo, criando subjetividades marcadas pelo temor de si mesmas e da exposição do que as tornaria a encarnação do abjeto diante da suposta maioria de pessoas “normais”. Assim, a sexualidade se constrói em uma dinâmica de conhecimento e ignorância entre o que pode ser visível (público) e o que é relegado ao segredo (privado) de forma que, como diz Warner (2000, p. 12) “Quanto mais as pessoas se isolam ou vivem no privado, mais estão vulneráveis aos efeitos desiguais da vergonha”.

Essa situação remete ainda à compreensão de que parece tratar-se de sujeitos moldados por violências heterossexistas que os tornam homofóbicos, revelando serem interiormente acoçados pelo medo de serem descobertos, de tornarem-se vítimas de seu desejo, de serem traídos por seus parceiros. O cerne desses medos, no caso dos homens, é de que o desejo homoerótico os leve a confrontar a ordem social, perdendo o privilégio do gênero masculino, fato que, certamente, os exporia a situações degradantes, de humilhações e de

maus-tratos, como acontece às mulheres. É esse temor que os instiga a buscar um parceiro/amor (heterossexual), o qual se contrapõe às reais possibilidades que talvez os retirassem da recorrente queixa de isolamento e solidão que, muitos dos informantes dizem vivenciar.

Algumas considerações finais

O ato de viver tem se mostrado uma caixa de surpresas que foge, às vezes, da capacidade humana de compreendê-lo. O indivíduo traça as linhas pelas quais irá percorrer, o trajeto que o levará para algum lugar. São percursos que vão sendo definidos conforme suas condições, conhecimentos, desejos e o que pretende realizar. Independente da meta a ser atingida, acredita-se que o importante é “viver e não ter a vergonha de ser feliz”, como diz a canção de Gonzaguinha, lembrando que cada sujeito tem o seu jeito próprio de produzir a vida e de buscar felicidade.

Como indica Querolin Neto (1997 *apud* CARVALHO, 2000, p.25) “A realidade desafia-nos, a todo instante, como uma diversidade de sujeitos mutantes, revolucionários, dinâmicos, de sujeitos a construir, a cada momento, novas formas de expressão nos grupos”. Portanto, indaga-se: seria o michê esse novo sujeito mutante do mundo da prostituição?

De modo geral sabe-se que de Aspásia, na Grécia Antiga, ao michê, em nossos dias, a prostituição continua como sendo a venda de favores sexuais, vista como uma atividade transgressora, humilhante, que reduz o sujeito frente ao padrão dominante da normatividade, apesar das mudanças ocorridas cultural e socialmente, nos últimos 50 anos.

Disso tudo resulta que a sexualidade não pode ser concebida apenas como algo “dado” pela natureza, simplesmente ancorado em um corpo que é vivido da mesma forma em todas as épocas e lugares. A sexualidade envolve processos culturais e plurais, como uma invenção social que se constitui historicamente nos inúmeros discursos que regulam e normatizam, produzindo saberes e verdades (LOPONTE, 2002).

Assim sendo, parafraseando Marx (1968, p.41), “é preciso reconhecer que as necessidades humanas quer provenham do estômago, quer provenham da fantasia, devem ser satisfeitas”, como na música dos Titãs: “a gente não quer só comida/ a gente quer comida, diversão e arte/ a gente quer saída para qualquer parte” (BENEVIDES e GONDIM; 1998: 149). Os michês não estão excluídos dessa lógica: eles também inventam uma vida segundo seus desejos e prazeres.

Neste sentido, Giddens avalia que, na atualidade, a descoberta da sexualidade tem revelado e propiciado um variado desenvolvimento de estilos de vida, que funcionam como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais. A sexualidade passa a tecer vínculos entre o eu e o outro, entre o corpo e o social, construindo as diferentes formas de ser e estar no mundo e desempenhando papel de importância fundamental na construção da identidade do sujeito.

Com o mesmo raciocínio, Parker destaca que a sexualidade humana é intrínseca à cultura, não podendo por isso, ser isolada, estudada, interpretada e compreendida, individualmente, como exemplo de diversidade e diferença.

Desse modo, a sexualidade torna-se referência para um leque de imagens que distinguem ou salientam as diferenças socioeconômicas, culturais e sexuais. Dentro desse viés, deve-se considerar a aprendizagem cognitiva e social como fator relevante para o processo de estruturação e construção do comportamento sexual. É com apoio nessa visão de sexualidade, enquanto construção social, que se tentará maior aprofundamento acerca dos processos históricos que levam os sujeitos em estudo ao engajamento na prostituição.

Como aponta Welzer-Lang (2004, p. 115) “Não mais pesquisar a qualquer preço o que faz a diferença entre os sexos, mas descrever e compreender como a diferença é construída socialmente”, talvez seja uma maneira eficaz para desmistificar e revelar o que se encontra indizível sobre essa “outra profissão”.

Distante, portanto, de alguma conclusão dessa expressão da sexualidade, o que é possível adiantar é que muitos garotos deixaram de ser simples garotos. Tornaram-se mercadorias vendáveis. Alguns estão expostos em *sites*, revistas, jornais. Mas, por algumas horas, eles são operários, jardineiros, ajudantes, estudantes, auxiliares de escritórios, o menino pobre, bonito, classe média,

miseráveis, expostos ao comércio sexual, em uma esquina qualquer. Todos são objetos do desejo, desejo de ter, desejo de ser (TRIGO, 2007).

Independente de seus quereres e afazeres o importante é que se aprende a respeitá-los ao mesmo tempo em que se nutre afeto por cada um. Afinal, tal Caetano Veloso *“cada um sabe a delícia e a dor de ser o que é”*.

REFERÊNCIAS:

ABREU, W. **O submundo da prostituição, vadiagem e jogo de bicho**. 16 ed., Rio de Janeiro, Record, 1998.

BENEVIDES, Ireleno P., GONDIM, Linda M. de Pontes; “Prostiturismo” feminino em Fortaleza: um encontro de Cupido com Mercúrio? In: BENEVIDES, Ireleno P. **Turismo e PRODETUR: dimensões e olhares em parceria**. Fortaleza: UFC, 1998.

CÁCERES, Carlos. Masculinidades negociadas: identidades e espaço de possibilidades sexual em um grupo de michês em Lima. Trad. S. Afram. In: BARBOSA, M. Regina et al. (Org.). **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro, 1999, p. 34.

CARVALHO, Sílvia Barbosa de. **As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a “Fazer a Vida” no Centro da Cidade**. 2000. 74 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fundação Joaquim Nabuco/Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2000.

CASTRO, R.V. Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In: SPINK, M. J. (Orgs.). **O conhecimento no cotidiano - As representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. SP, Brasiliense, 1993.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Garotos e garotas de programa: uma expressão da sexualidade humana**. In: *Informativo do Clube Rainbow*, 2, 11, 5, BH, nov. 2001.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. Prostituição em Roma Republicana. In: *IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos* [sd].

FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana I. Explorando a sexualidade do michê na cidade de Porto Alegre. In: BARBOSA, R. M., AQUINO, E. M. L., HEILBORN, M. L. (Orgs.) **INTERFACES: Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. São Paulo: UNICAMP. 2002.

FRY, Peter. “Prefácio”, In: GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Ed. UNESP, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**. São Paulo, Editora UNESP, 1993.

GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo, Ed. UNESP, 2000.

KIRSCH, J. **As Prostitutas na Bíblia:** algumas histórias censuradas. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1998.

LIMA, Wagner de Oliveira. **Desejos à deriva:** os michês e a construção de masculinidades no centro de João Pessoa. 2006. 106 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal da Paraíba - UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2006.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Revista. Estudos Feministas*, Florianópolis, v.10, n. 2, Florianópolis, jul./dez. 2002. Disponível em < www.scielo.br>. Acesso em 24. 02. 2008.

MACHADO, J.N.C, SILVA, S.C.S. **Perfil psicossocial da prostituição masculina em Belém.** 2002, 42 p. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade da Amazônia – UNAMA, Belém, 2002.

MATOS, R.B. de; RIBEIRO, M.A.C. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. *Boletim Goiano de Geografia*, 15 (1): 57-79, jan. dez. 1995.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. In: *Cadernos PAGU* (28), janeiro-junho de 2007:101-128.

MORAES, A. F. **Mulheres da Vila:** prostituição, identidade social e movimento associativo. RJ. Vozes, 1996.

PARKER, Richard G. **Corpos, Prazeres e paixões:** a cultura sexual no Brasil contemporâneo. Trad. M. T. M. Cavallari. 2. ed. São Paulo: Best Seller. 1991.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê:** a prostituição viril. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____, Territórios marginais: In: **Na sombra da cidade.** MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 81-116.

PISCITELLI, Adriana. Gênero e racialização no contexto de relações transnacionais - Comentários a partir de uma leitura das relações presentes no turismo sexual em Fortaleza (Ceará, Brasil, 2005). In: www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0274.pdf. Acesso em 30. agosto. 2006.

_____. Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos PAGU*(25), julho-dezembro de 2005, pp.281-326.

RAGO, M. **Prostituição e mundo boêmio em São Paulo (1890 –1940)**. In: PARK, R e BARBOSA, R. M. (Orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. RJ, Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

_____. **Os Prazerese da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. RJ, Paz e Terra. 1991.

RIGOLLETO, R. N. (2001). **Prostituição masculina**. Disponível em <http://www.pontogls.com/psicologia2.htm> > Acesso em 28. agosto. 2006.

ROBERTS, N. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro . Trad. de Magda Lopes. Record: Rosa dos Tempos, 1998.

SANTANA, Nélia de. **Prostituição feminina em Salvador, (1900-1940)**. Dissertação de Mestrado, UFBA, 1996.

SZTERENFEL, C e FONSECA, Z. **Profissionais do Sexo no Rio: contexto sócio-Cultural e comportamento preventivo em três áreas**. RJ, PIM, 1996.

TRIGO, .Luiz Gonzaga Godoi. **Desejo e entretenimento: imaginário homoerótico ocidental – da sublimação ficcional ao produto descartável**. Trabalho apresentado VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em – NP Comunicação, Turismo e Hospitalidade - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM – *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro 2007.

VERSIANI dos ANJOS JR., C. S. **A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício**. Dissertação de Mestrado. Brasília, UNB, 1980.

VITIELLO, N.(2001). **Prostituição masculina: uma introdução ao estudo**. Disponível :<http://www.sosdoutor.com.br/sossexualidade/>>Acessado em: 28. agosto. 2005.

WARNER, Michael. **The trouble with the normal sex, politics, and the ethics of queer life**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. Boitempo Editorial: Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004, pp.107-128.

WOLF, N. **Promiscuidades: a luta secreta para ser mulher**. RJ. Trad. Waldéa Barcelos. Rocco, 1998.